

personagem

JORNALISTA CHRISTIANE PELAJO CONTA COMO A DESCOBERTA DE UM CÂNCER NO RIM MUDOU SUA PERSPECTIVA DE VIDA E SEU RUMO PROFISSIONAL

“Senti como se um buraco se abrisse no chão”

O ano era 2016. A jornalista Christiane Pelajo estava à frente de um dos principais telejornais da emissora de TV por assinatura GloboNews, em São Paulo, onde mora. Nas horas de folga, praticava corrida e se aventurava em algumas provas de rua. Como vinha sentindo dores no quadril, além dos exames de rotina que acabara de fazer, havia marcado quatro ressonâncias magnéticas a pedido do ortopedista. No dia agendado, porém, recebeu uma ligação do laboratório que a deixou apreensiva: havia um “problema” em seu ultrassom abdominal. Rápida, ela seguiu a sugestão do atendente e ligou para seu médico, que solicitou uma quinta ressonância.

“Assim que cheguei à clínica, pedi à recepcionista para encaixar mais um exame. No começo, ela disse que não poderia, mas não desisto nunca. Conteí a história para a moça, que se comoveu e deu um jeito. Quando acabaram os exames, perguntei ao técnico se havia algo errado. Ele disse que o laudo seria feito pelo médico radiologista, que chegou após alguns minutos e me informou que eu devia procurar um urologista. Pedi uma indicação e já saí de lá ligando. Até aquele momento, não havia contado a nin-

guém o que estava acontecendo, nem para o meu marido [o economista Fernando Sita].”

Marcada a consulta, o profissional que a atendeu decretou, sem meias-palavras: “Você tem um tumor no rim direito. A chance de ser maligno é de 70%”. A primeira reação foi de choque e desespero. “Senti como se um buraco se abrisse no chão, e várias perguntas passaram pela minha cabeça: ‘Um tumor no rim? Mas é um órgão vital. E agora? Vou morrer? Tenho quanto tempo de vida?’. Só quem já passou por isso sabe o que é ouvir um diagnóstico desses. Guardei os questionamentos para mim e tentei me manter firme. Não derramei uma lágrima naquele momento”, lembra. “Ainda dentro do consultório, liguei para Fernando. Podia jurar que estava calma, mas posso ter soado apavorada, pois ele atravessou a cidade em 15 minutos. Eu o abracei e chorei feito criança. Foram as primeiras lágrimas de muitas que viriam depois”.

CIRURGIA ROBÓTICA

Em seguida, o urologista aconselhou Christiane a fazer uma cirurgia aberta para retirar o tumor, que estava em estágio inicial, o mais rápido possível. Segundo ele, possivelmente ficaria uma cicatriz de 12 cm a 18 cm. Mas, apaixonada por tecnologia e inovação, ela acreditou que poderia haver um procedimento menos invasivo e decidiu pesquisar por conta própria. Paralelamente, foi em busca de uma segunda opinião. Para isso, entrou em contato com seu médico pessoal, que lhe sugeriu a cirurgia robótica e indicou o urologista José Roberto Colombo para fazer o procedimento.

“Saí da consulta espantada com a ideia de ser operada por um robô e planejando descobrir mais sobre essa possibilidade. Cheguei em casa, contei tudo para o meu marido e avisei que passaria o fim de semana sozinha, num spa. Tenho a sorte de ser casada com um homem compreensivo, que sempre respeita as minhas decisões. Entendemos que cada um age de uma forma diferente quando precisa lidar com um problema dessa magnitude. Naquele momento, precisava me isolar para decidir o que fazer”, conta. Após o período de reflexão, ela aceitou a sugestão.

Orientada pelo profissional, seguiu trabalhando normalmente até o dia da cirurgia. O objetivo era

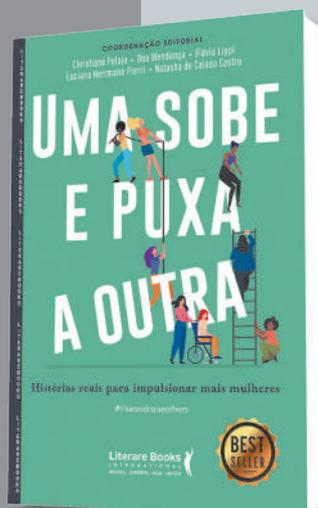
estimulá-la a manter uma atitude positiva e esperançosa. “Foi um dos melhores conselhos que eu poderia ter recebido naquele momento. Pôr o foco em algo que não fosse a operação foi fundamental para a minha saúde mental. Se tivesse ficado em casa, não teria pensado em outra coisa. Deixo a mesma sugestão para quem possa estar numa situação semelhante: ocupe a cabeça”, diz.

“Um tumor no rim? Mas é um órgão vital. E agora? Vou morrer? Tenho quanto tempo de vida?”

No dia do procedimento – que durou aproximadamente seis horas –, ela fez questão de conhecer o robô Da Vinci (o mesmo disponível também no INCA) antes de ser sedada. Para a intervenção, o médico manuseia uma espécie de console, como se estivesse jogando um videogame. Por meio de um *joystick*, ele conduz os quatro braços do robô, que

operam o paciente de forma menos invasiva. “No meu caso, foram cortes muito pequenos no umbigo. A cicatriz é mínima e fica escondida dentro do orifício”, relata Christiane.

Ela perdeu um terço do rim direito e, apesar de o diagnóstico de câncer ter sido confirmado pela biópsia, não precisou se submeter à quimio nem à radioterapia. Segundo Colombo, o tumor tinha cerca de 3 cm e foi mais difícil de ser detectado por ser da cor do rim e estar colado na parede do órgão. “Se eu tivesse recebido esse diagnóstico algum tempo depois, poderia ter sido tarde demais”, acredita.



FÉRIAS DEMAIS

Devido à cirurgia e ao tempo necessário para recuperação, Christiane precisou se ausentar do trabalho. Além de incômodos físicos – passou dias sem conseguir se esticar direito –, afirma que teve que lidar com comentários maldosos de colegas de equipe, que alegavam que ela tirava férias demais. “Isso chegou até a ser publicado por alguns veículos de comunicação. Agora que o motivo da minha



ausência é público, torço para que essa gente entenda a importância de nunca criticar alguém sem saber o que está realmente acontecendo”, conta ela, que retornou ao trabalho pouco mais de um mês após o procedimento. “Fiz questão de voltar o mais rápido que pude.”

Nesse período, quem não saiu do seu lado foi Fernando. “Ele foi muito forte e me encorajou o tempo todo. Era a única pessoa que sabia desde o início e guardou a notícia durante muitos dias”, comenta Christiane. “Para a minha mãe, contamos apenas cinco dias antes da operação. Eu me lembro como se fosse hoje: entrei na sala da minha casa, onde ela assistia TV com meu marido. Falei da maneira mais concisa possível sobre ter sido diagnosticada com

um tumor e que seria operada. Foi só o que consegui dizer. Depois, fui para o meu quarto e chorei. Até hoje não perguntei a ele qual foi a reação da minha mãe. Ninguém merece receber a notícia de que a filha tem 70% de chance de ter um câncer.”

Hoje, segundo ela, faria tudo diferente. “Eu me abrigaria mais, me permitiria ser mais frágil e exporia a minha vulnerabilidade. Não tive coragem de contar para o meu pai e para os meus dois irmãos antes da cirurgia. A doença me ensinou a valorizar ainda mais a minha vida e as relações pessoais. Além disso, fiz mudanças significativas em meu estilo de vida, incluindo maior atenção à minha saúde, à alimentação e ao bem-estar emocional. O apoio da equipe médica também me sustentou em vários momentos, tanto emocional como profissionalmente. Só tenho a agradecer.”

ADEUS À TELEVISÃO

Em novembro de 2022, após 26 anos à frente de telejornais na Rede Globo e na GloboNews, Christiane Pelajo decidiu pedir demissão. No primeiro momento, anunciou que queria ter mais tempo para si e para a família. Cinco meses depois, ao lançar o livro *Uma sobe e puxa a outra*, do qual é uma das cinco coordenadoras e que reúne histórias de superação de 44 mulheres, incluindo a sua, ela revelou publicamente que havia tido um câncer. Nos seis anos que se passaram entre a confirmação do diagnóstico e a saída da TV, frequentou diversos retiros e conta que foi num deles que tomou a decisão de se afastar do jornalismo diário.

No início, começou a atuar como uma “especialista em comunicação”, como ela define, dando palestras e cursos e participando de eventos nos quais ensinava às pessoas técnicas para melhorar a comunicação na vida pessoal e profissional, perder o medo de falar em público e expressar as ideias de forma clara e assertiva. Depois, passou a comandar o *Tecno Talk*, canal no YouTube sobre tecnologia e inovação. Em abril deste ano, foi contratada como âncora no CNBC Brasil, novo canal de notícias centrado em negócios e economia – com previsão de entrar no ar em agosto.

Após a doença, Christiane sente que seu propósito de vida passou a ser ajudar as pessoas. “Falar sobre o meu processo me liberta. Me faz sentir ajudando quem possa estar passando por isso agora. Se for o seu caso, acredite na cura. Parece clichê, mas a sua força vai fazer toda a diferença no enfrentamento do tumor. Faça exames de rotina. Eles podem salvar a sua vida, assim como salvaram a minha. E peça ajuda. Não tenha medo de demonstrar a sua fragilidade. Isso só nos fortalece”, diz. ■